

A HERMENÊUTICA ESCATOLÓGICA DE PAULO: 1 CORÍNTIOS 15.23-28

C. Timóteo Carriker*

Quando o apóstolo Paulo encontrou-se com Jesus na estrada de Damasco, precisou reavaliar radicalmente a sua perspectiva sobre a pessoa de Jesus, sobre o papel da lei e sobre o momento histórico em que ele próprio vivia. Anos depois, em todas as suas cartas, as duas primeiras questões (a cristologia e a lei) ainda se sobressaem. A cristologia torna-se o enfoque orientador de toda a sua teologia. E a lei, na sua relação com a graça e o Espírito de Deus, torna-se um tema freqüente, que explica como o povo de Deus em geral e os gentios em particular relacionam-se agora com Deus. A terceira questão, a sua reavaliação da história, especificamente a sua perspectiva escatológica, dá uma estrutura temporal e lógica para a sua elaboração da cristologia e da salvação (lei/gracia/Espírito).

O presente estudo pretende ilustrar como a perspectiva escatológica de Paulo deu forma aos contornos do seu evangelho. Demonstra a importância da escatologia na hermenêutica contextual do apóstolo. Dessa forma, esta reflexão leva adiante a discussão de dois de meus trabalhos anteriores: um sobre a influência do apocalipticismo de modo geral no ministério e na teologia de Paulo e o outro sobre essa influência na Carta aos Romanos.¹

A natureza contingente das cartas de Paulo é amplamente reconhecida. Paulo não era um teólogo sistemático no sentido contemporâneo de alguém que discursa usando uma ordem temática lógica. Não eram os temas em si que levavam Paulo a escrever, e sim os problemas e desafios específicos do ministério é que ocasionavam e davam ordem lógica aos seus escritos. Paulo era um "teólogo" pastoral, contextual ou missionário. No caso de 1 Coríntios, isto é especialmente destacado pelo seu estilo de perguntas e respostas. Informado por meio de relatórios (1.11; 16.17) e de uma carta (7.1), ele responde a uma variedade de questões levantadas pela congregação coríntia. Sua resposta aos relatórios está nos capítulos 1-6 (ver, por exemplo, 1.11 e 5.1) e à carta em 7.1-16.12 (ver as cláusulas *peri*, e *gra,fein*).

I. O CONTEXTO LITERÁRIO

Ao longo de toda a sua carta, Paulo emprega imagens escatológicas e freqüentemente apocalípticas.² David Scholer enumera sete categorias de material escatológico e apocalíptico³: (1) o dualismo temporal e a iminência em 10.11: "...sobre quem os fins dos séculos têm chegado" (ver 7.26,29,31); (2) a ressurreição futura dos crentes em 15.12-28, baseada na ressurreição de Cristo em 15.1-11; 6.12-14; (3) em 2.6-10, material revelador (ver v. 10) referente ao significado da morte de Cristo dentro do plano secreto e oculto de Deus e a citação de um apocalipse; (4) uma perspectiva apocalíptica do juízo final (comparar com o Testamento de Abraão) e a comunidade de crentes como o templo de Deus em 3.10-17; (5) uma perspectiva apocalíptica das regiões celestiais e a participação dos crentes no julgamento dos anjos em 6.1-8; (6) dualismo social-temporal e julgamento na explicação da morte inesperada de alguns crentes em 11.30-32; e (7) o conceito peculiarmente apocalíptico da transcendência sobre a morte em 15.35-58. O uso epistolar dessa linguagem varia desde o amigável e confortador⁴ em 1.7s, o exortativo⁵ em

3.13; 4.5; 5.5; 6.9,13s, e o irônico deliberado em 4.8. Tal estratégia de linguagem demonstra que Paulo está lidando com questões específicas levantadas pela congregação e, ao mesmo tempo, fornece pistas quanto à natureza da controvérsia que o apóstolo confronta.

A. A Relação com os Capítulos 12-14

Nos capítulos 12 a 14, Paulo aborda as questões do elitismo e do entusiasmo espiritual no contexto do culto público. No capítulo 15, ele desvenda a base dessas questões na hiper-espiritualidade dos coríntios, que despreza o mundo material e por isso a natureza corporal da ressurreição de Cristo e deles próprios. Essa estreita ligação entre o capítulo 15 e os três capítulos anteriores se fortalece pela conexão ainda mais íntima entre a afirmação de autoridade apostólica em 15.1-11 e a subversão da autoridade apostólica de Paulo no capítulo 14.

B. O Contexto Imediato

Paulo dá a sua resposta em três partes (vv. 1-11, 12-34 e 35-58). Primeiro, ele afirma que tanto a morte quanto a ressurreição de Cristo são objetivas e verificáveis. Ao mesmo tempo, e ainda seguindo a sua defesa apostólica no capítulo 14, Paulo apela tanto para a tradição quanto para o seu próprio ministério apostólico. Quanto ao último, é importante observar que sua auto-identificação como o último apóstolo no v. 8 (ε;scaton de. pa,ntwn w;fqh kavmoi,, "no fim ... apareceu também a mim") não é uma referência meramente casual e passageira. Paulo entende seu encontro com Cristo como definitivamente "o último."⁶ Ele não está fazendo uma afirmação existencial de modéstia.⁷ Nem está se referindo meramente à cronologia. Mas Paulo compreende o seu ministério dentro de um contexto escatológico da missão gentílica apocalipticamente inaugurada.⁸ E embora não desenvolva a idéia aqui, já que tal elaboração não faz parte do seu argumento imediato, ele está, de fato, tomando uma posição firme sobre a legitimidade da sua missão específica entre os gentios.⁹

A segunda parte da resposta de Paulo aos coríntios encontra-se nos versos 12-34, onde ele contrapõe o fato de afirmarem a ressurreição de Cristo com a negação da sua própria ressurreição. A sua lógica bem elaborada se desenvolve a partir de uma condição presente e geral até uma consequência singular. Primeiro, Paulo considera as consequências da posição dos coríntios (vv. 12-19): se os mortos não ressuscitam, então Cristo não ressuscitou, e ainda mais, não há nem evangelho, nem esperança, isto é, não há razão para manterem a sua fé. Em segundo lugar, Paulo considera a posição contrária (vv. 20-28): já que Cristo ressuscitou, e já que a sua ressurreição são as primícias da colheita por vir, e assim demonstra que a derrota da morte já se iniciou, então os cristãos participarão da ressurreição dos mortos. Mas porque Cristo é apenas as primícias, a plena colheita ainda aguarda "o fim" (to. te,loj), quando a derrota final da morte será completa. Finalmente, Paulo volta ao caráter absurdo da posição dos coríntios (vv. 29-34): se os cristãos não ressuscitam dentre os mortos, por que então deveriam praticar o batismo no qual o cristão se considera morto, e por que Paulo deve arriscar a sua vida de forma tão descuidada (aos olhos dos seus opositores) numa missão perigosa, se não há ressurreição de mortos?

Na última parte da sua resposta aos coríntios (vv. 35-58), depois da sua defesa insistente do fato da ressurreição dos crentes, Paulo considera como a ressurreição ocorre. Como os mortos ressuscitam e qual é a natureza da sua nova condição? Paulo responde que a ressurreição ocorrerá corporalmente, mas que nossos corpos atuais serão transformados para que, junto com os vivos na vinda de Cristo, a morte, o inimigo final, não tenha vitória.

Paulo nega que a ressurreição já tenha ocorrido, de tal modo que não haja mais lugar para uma ressurreição no futuro. Embora de outra sorte Paulo afirme que uma ressurreição presente já ocorreu em virtude da identificação do crente com Cristo na sua ressurreição,¹⁰ em contraposição à hiper-espiritualidade dos coríntios "perfeitos" (te,leioi) ele enfatiza as conseqüências futuras da ressurreição de Cristo *ainda* por vir.¹¹ Através de 15.20-56, Paulo argumenta não simplesmente em referência à ressurreição, mas em referência à certeza futura da ressurreição, e isto em relação à certeza presente da própria morte (ver 11.29ss, onde alguns já morreram). "Se a ressurreição é uma certeza futura, a morte é uma certeza presente; somente o futuro promete a destruição da morte."¹² Ambas as idéias, consideradas inseparáveis, formam os temas centrais do discurso de Paulo.

II. A OCASIÃO

É evidente que havia divisões na igreja de Corinto (1.10-12; 3.4-5; e 11.18-19). Também é claro que as divisões envolviam pelo menos distinções sócio-econômicas. Mas a linguagem combativa de Paulo e o fato de que ele se dirige à igreja *toda* na segunda pessoa do plural em toda a carta (com poucas exceções, como 7.1-40 e 11.2-16) indicam que o conflito básico não era tanto entre partidos em competição, quanto entre Paulo e a igreja como um todo.

A. Os Opositores de Paulo

A ironia da linguagem escatológica em 4.8 fornece uma pista para identificar os opositores de Paulo: "Vocês já se realizaram plenamente! Já se enriqueceram! Sem a gente, já estão reinando! E tomara que reinem mesmo, para que nós também reinemos com vocês!" (tradução minha).

Essa afirmação junto com a ênfase na escatologia futurista ao longo da carta, especialmente no capítulo 15, já provocou certo consenso entre os estudiosos de que Paulo estava enfrentando um grupo de Corinto que adotava uma escatologia exageradamente realizada, que se julgava "espiritual" (pneumatikoi,) ou "perfeito" (te,leioi).¹³

De acordo com tal interpretação, nesse conflito Paulo estava lidando com crentes no Espírito, fanáticos (e não libertinos gnósticos ou racionalistas helênicos), que dependiam muito dos sacramentos para lhes conferir poder e lhes garantir a salvação. A ressurreição para eles já ocorrera "no espírito" (pneu/ma) e já haviam recebido o "conhecimento" (gnw/sij) no batismo cristão. Eram como os falsos mestres que acreditavam "que a ressurreição já havia se realizado" (ver 2 Tm 2.18).

Os "espirituais" e os "perfeitos" usavam linguagem escatológica realizada, já corrente na liturgia do batismo, para enfatizar o seu status superior em relação aos cristãos "fracos", "físicos" (não-espirituais). Além disso, os cristãos "espirituais" e "maduros" se isentavam das normas de comportamento cristão que achavam que se aplicavam aos seus colegas mais fracos. Paulo emprega a linguagem futurista para enfatizar a imperfeição da experiência cristã em contraposição aos "espirituais" e aos "perfeitos."

B. A Ressurreição de Mortos

A questão específica abordada por Paulo no capítulo 15 aparece explicitamente no versículo 12: "...se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como,

pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?” Fica claro que alguns dos coríntios estavam afirmando não haver ressurreição de mortos. Mas o que não é esclarecido é qual seria sua visão da morte.¹⁴ Qualquer que fosse a natureza de sua perspectiva, a resposta de Paulo a essa questão é longa e detalhada.

III. A EXEGESE

A passagem de 1 Coríntios 15.20-28 é parte dessa resposta, e por isso vamos examiná-la de forma mais detalhada.

A. O Pano de Fundo Apocalíptico

O argumento radicalmente escatológico de Paulo nesses versículos causa impacto imediato. Na morte e na ressurreição de Cristo, os eventos do fim começam a realizar-se, já que, de acordo com a herança judia de Paulo, a ressurreição era um evento do fim dos tempos. As seguintes qualidades tipicamente apocalípticas aparecem aqui: uma ordem fixa de eventos, a autoridade dos poderes do mal, o reino do Messias e uma dimensão cosmológica. Parece que Paulo aqui “entendia que a redenção do homem aconteceu dentro de uma estrutura histórica objetiva (apocalíptica).”¹⁵

B. O Argumento

Este breve resumo sugere, então, o lugar dos versículos 20-28 no contexto imediato do capítulo. Nessa passagem, Paulo apresenta a noção da solidariedade de Cristo com os cristãos, uma noção essencial ao argumento. Seu argumento baseia-se em duas analogias: o contraste entre Adão e Cristo e a referência a Cristo como “as primícias” (avparch.).

A dualidade entre Adão e Cristo no argumento serve para demonstrar que o destino dos mortos em Cristo depende da ocorrência da ressurreição do próprio Cristo. Sua ressurreição não é a grande exceção, mas a primeira de uma série. Os mortos são de fato ressurretos na ressurreição de Cristo, mas primeiramente eles devem passar pela morte. O mesmo argumento é confirmado pela natureza da ressurreição de Cristo como “as primícias.” Como as primícias, sua ressurreição garante a ressurreição daqueles que são seus, mas isto ocorre somente no “fim.” Ao dizer isto, Paulo não está fazendo apenas uma digressão, mas está sustentando e fortalecendo o argumento principal enquanto o elabora.¹⁶

C. Considerações Gramaticais

Na figura 1 no final do artigo, procuro ilustrar a relação sintática interna dos versículos 23 a 28. O fator controlador desses versículos é a palavra “ordem” (ta,gma, v. 23). Nessa passagem, Paulo continua a analogia das “primícias” e argumenta com base numa certa ordem na derrota de todos os poderes inimigos por Cristo. A análise dos versículos 23-28 começará então com essa palavra e depois prosseguirá discutindo o significado da expressão “então o fim” (ei=ta to. te,loj), a referência às cláusulas que começam com “quando” (o{tan) e a abordagem que Paulo faz dos Salmos 110 e 8, discutindo finalmente a sua perspectiva de modo geral como sendo teocêntrica ou cristocêntrica.

1. “ORDEM” (ta,gma)

A característica crítica da estrutura do argumento de Paulo é o seu uso do substantivo “ordem” e de suas formas derivadas verbais (ta,ssw).¹⁷ Paulo emprega essas formas verbais seis vezes nos versículos 27-28 e possivelmente faz uma alusão no versículo 25

(u`po.), provavelmente porque se lembra de sua afirmação no versículo 23a.¹⁸

A palavra *ta,gma* tem basicamente dois significados. Pode referir-se “àquilo que é ordenado,” no sentido de “divisão” ou “grupo,” particularmente como um termo militar para “destacamento de soldados.” Nesse caso, Paulo pode estar distinguindo entre três grupos diferentes: Cristo, que já havia ressuscitado, cristãos que serão ressuscitados em sua vinda, e o restante da humanidade, que será ressuscitada quando a morte já não tiver nenhum de seus efeitos.

Em segundo lugar, *ta,gma* pode referir-se a “ordem”, “vez”, “arranjo”, “posição.” Se o primeiro sentido de uma categoria plural for adotado, então Cristo não poderia ser incluído no versículo 23c e o versículo 24a levaria à idéia de duas ressurreições futuras. Nesse caso, “cada um” (*e[kastoj*, v. 23) não poderia incluir Cristo, mas somente “todos” (*pa,ntej*, v. 22) que estão em Cristo. Porém, com referência às primícias,¹⁹ Cristo jamais poderia ser excluído de “cada um” do verso 23a. Através da expressão “Cristo, as primícias,” Paulo claramente designou um lugar para Cristo na “ordem” da ressurreição. Esse *ta,gma* não deve ser entendido no seu sentido militar primário, mas refere-se à “hierarquia” ou “ordem” na qual Cristo está incluído na seqüência. Conseqüentemente, não é necessário entender “o fim” (*to. te,loj*) como uma “ordem” adicional além da ressurreição dos cristãos, o que indicaria duas ressurreições futuras. Ao mesmo tempo, o segundo sentido de *ta,gma* como “hierarquia” ou “ordem” não exclui a possibilidade de que “o fim” se refira a uma terceira ordem que incluiria uma segunda ressurreição futura. Isto pode se tornar ainda mais claro através de uma análise do sentido e dos usos dos termos, “então” (*ei=ta*) e “o fim” (*to. te,loj*).

2. “ENTÃO O FIM” (*ei=ta to. te,loj*)

O “então” no início do versículo 24 fez com que alguns argumentassem que pode se inferir um intervalo substancial entre a parousia e “o fim.”²⁰ Embora Paulo devesse ter utilizado *to,te* se fosse esta a sua intenção, *ei=ta* não seria impróprio, se ele desejasse afirmar uma mera seqüência, sem implicar num intervalo de tempo. *Ei=ta* pode expressar uma seqüência momentânea como *to,te* (1 Coríntios 15.5-7; João 13.4-5). Portanto, “então” (*ei=ta*) pode introduzir uma outra “ordem” ou pode ser uma qualificação maior da preposição “depois” (*e;peita*) no versículo 23c. Neste último caso, não haveria necessariamente um intervalo entre a ressurreição dos cristãos e “o fim,” e a seqüência deveria ser entendida no sentido lógico.²¹ Deve-se notar ainda que, sem o verbo, a frase “então o fim” indica também que o “fim” virá logo após a ressurreição dos cristãos.

Excursão: Um Milênio em 1 Coríntios?

Vários intérpretes defendem a possibilidade de um reino messiânico intermediário ou milênio em 1 Coríntios 15.24.²² Entre eles, o defensor mais recente e mais detalhado é Larry Kreitzer. Sua apresentação é problemática em toda a sua extensão. Primeiro, ele estabelece a sobreposição conceitual entre Deus e Messias e a idéia de um reino messiânico temporário na literatura pseudepígrafa judaica e faz uma variedade de paralelos com as referências de Paulo à parousia e ao juízo final. O problema com a abordagem de Kreitzer é que, dos 65 escritos pseudepígrafos, ele escolhe apenas aqueles *que sustentam uma distinção entre o Reino do Messias, temporário, terrestre, e o reino eterno de Deus, que viria a seguir*, basicamente 4 Esdras, 2 Baruque e 1 Enoque (pp. 24,29). Os muitos exemplos de textos apocalípticos judaicos que se referem apenas a um destes ou a ambos juntos são ignorados. Em outras palavras, desde o princípio Kreitzer escolhe os paralelos da idéia que ele procura provar (que 1 Coríntios 15.23-28 admite um

reino intermediário do Messias depois de sua vinda) e então usa-os para provar pelo menos a possibilidade de sua idéia!

Em segundo lugar, ele critica Davies por sua comparação de 1 Coríntios 15.24 com a única outra passagem de Paulo que utiliza a expressão "reino de Cristo" (Colossenses 1.13) com uma clara referência ao presente. Kreitzer reclama da implicação de que o reino não poderia ser também futuro (p. 138). Mas só podemos repetir a observação de Davies de que a referência ao reino de Cristo em Colossenses é *um fato presente*.

Com a mesma falta de lógica, Kreitzer aponta para a afirmação correta de Wilcke de que 1 Tessalonicenses 4.13-18 não pode ser usado para apoiar a doutrina de duas ressurreições ou a crença explícita em um reino messiânico temporário e não deveria ser forçado a combinar com uma interpretação milenária de 1 Coríntios 15.23-28 (p. 140). Todavia, ele estranhamente sugere que Wilcke teria cometido uma violência exegética ao tentar fazer com que 1 Coríntios concordasse com 1 Tessalonicenses. Será que Kreitzer quer dizer aqui que a noção amplamente reconhecida quanto à seqüência das duas cartas, isto é, que 1 Tessalonicenses foi escrita primeiro, não é relevante para esta questão?

A certa altura, Kreitzer torna explícitas as implicações de seu argumento (e de Wallis) para a estrutura lógica da passagem: primeiro, v. 23a; segundo, v. 23b; terceiro, v. 24b, que depois é melhor qualificado pelos vv. 28a e 25-27; quarto, v. 24a, que é expandido pelo v. 28b; e finalmente, v. 28c (pp. 142s). Quanto imaginação! A seqüência atual do texto é muito preferível.

Além disso, Kreitzer defende *rigidez* com referência ao significado de *pa,ntej* em 15.22b (isto é, que tenha o mesmo sentido do Salmo 8.6, incluindo toda a humanidade) e ao mesmo tempo pede *flexibilidade* em referência ao sentido de *to. te,loj* (isto é, que "o fim" admita outro período de tempo prévio e extenso). Essas abordagens contrastantes tornam sua interpretação ainda mais suspeita.

Em 1 Coríntios 15.24, Paulo vê o Reino intimamente associado a Cristo e tanto presente quanto futuro,²³ como é demonstrado através da transformação feita por Paulo da tradição apocalíptica dos "Apocalipses das Dez Semanas" em 1 Enoque 91-93 e Oráculos Sibilinos 4.47-91.

3. "O FIM" (*to. te,loj*)

A expressão "o fim" (*to. te,loj*) é entendida de três maneiras: 1) como "a última parte", "perto" ou "alvo"; 2) como "o restante" ou "o resto"; ou 3) adverbialmente como "finalmente." Como não há paralelos²⁴ da terceira forma, ela é a menos provável de todas. A escolha entre as duas primeiras é mais difícil e tem provocado uma longa e geralmente acalorada discussão.

Muitas observações podem ser feitas com relação à segunda interpretação de "o fim" como "o resto" ou "o restante."²⁵ Primeiramente, Paulo não menciona os descrentes nem uma vez anteriormente neste capítulo, nem fala de quando seria sua ressurreição ou mesmo se ela seria uma possibilidade. Esse tipo de argumento baseado no silêncio também poderia ser usado para explicar a natureza meramente alusiva do uso de "o fim" como "o restante." Em segundo lugar, uma referência específica ao remanescente através da palavra "o fim" é desconhecida na literatura judaica antiga.²⁶ Entretanto, "o fim" poderia ser interpretado como uma referência mais geral ao "resto" como "restante," sem

uma referência específica à noção veterotestamentária de remanescente. Ainda assim, essas observações sugerem que o sentido da palavra é o de "encerramento," "conclusão," ou "última parte."²⁷ Uma consideração das cláusulas temporais ("quando...") no versículo 24 esclarece ainda mais essa questão.

4. AS CLÁUSULAS TEMPORAIS (QUANDO...)

A segunda frase com "quando" (ο[ταν]) pode ser interpretada como subordinada à primeira ou como uma frase coordenada.²⁸ De qualquer forma, ambas são subordinadas ao v. 24a, "então o fim," e o principal argumento continua a ser que o "fim" não ocorrerá até que a morte, o último inimigo, seja destituída²⁹ de seu poder, e os cristãos sejam ressuscitados.

Essas frases descrevem em ordem inversa³⁰ duas coisas que Cristo fará no "fim": 1) entregará o reino a Deus, o Pai, e 2) tornará inoperantes todos os poderes cósmicos inimigos. Os próximos versículos (25-28) explicam o "como" e o "por quê" dos dois "eventos" do fim descritos nas duas frases do versículo 24.

A morte precede o fim. Conseqüentemente, os cristãos, exceto os presentes na vinda de Cristo, devem passar pela morte antes que venha o fim. Paulo está enfatizando a presença da morte para se contrapor à ênfase dos coríntios quanto ao caráter presente da ressurreição. É a ressurreição dos *mortos* que os cristãos alcançam, mas somente no futuro, pois esta é a "ordem" dos eventos. A morte é o *último* inimigo e, de fato, continuará sua violência até o "fim."³¹

5. O USO DOS SALMOS 109.1 E 8.6 (SEPTUAGINTA)

Para fortalecer ainda mais o seu argumento acerca dessa ordem cósmica e redentora definitiva, Paulo cita os Salmos 109.1 e 8.6 (LXX). Só que nos versículos 27-28 ele usa u`pota,ssw ao invés de u`popo,dion (LXX Salmo 109.1),³² embora ambos traduzam a palavra hebraica ׀ִיָּהּ. Isto é mais uma evidência de que a palavra ta,ssw e os seus derivados governam a seqüência da lógica do argumento de Paulo nesses versículos.³³

Várias alterações que Paulo efetua nos versículos 25b e 27a ilustram o seu uso livre dos Salmos 110 e 8. No versículo 25, a alteração mais problemática concerne à mudança de pessoa de qw/ para qh/³⁴. O subjuntivo aoristo pode ser traduzido "tem posto" ou "terá posto," mas não está claro se o seu sujeito é Deus ou Cristo. Se entendermos o verbo como uma explicação mais ampla do versículo 24, então o sujeito pode ser Cristo. No entanto, provavelmente Paulo está entendendo Deus como o sujeito, da mesma forma que ocorre no salmo, e antecipando os versículos 27-28.³⁵

No versículo 27a, Paulo muda a segunda pessoa do verbo para a terceira pessoa (como no versículo 25 em referência ao Salmo 109.1, LXX) e αυvτου/ de uma referência à humanidade para uma referência ao Filho da humanidade.³⁶ Novamente, o sujeito do verbo pode ser Cristo ou Deus (ver figura 2 no final). Se Cristo é o sujeito, então o versículo 27c se referiria em retrospectiva aos versículos 25-26 (em cujo caso o sujeito de "tem posto" no versículo 25 também é Cristo) e Cristo será o sujeito também da cláusula temporal (ο[ταν]) no versículo 27b. Mas assim o versículo 27c torna-se difícil. Se Deus é o sujeito como no salmo, então o versículo 27a se referiria ao versículo 28. De modo semelhante, os versículos 25-26 explicariam melhor o versículo 24c, enquanto os versículos 27-28 explicariam o versículo 24b (ver figuras 2 e 3 no final do artigo).

O objetivo de Paulo no seu uso dos Salmos 110 e 8 é elaborar as conseqüências de destronar

ordenadamente todos os poderes cósmicos. Há também uma ordem na tarefa de Cristo de sujeitar todas as coisas e *subordiná-las* finalmente a Deus. Os coríntios não compreenderam a correta ordem cósmica de eventos, o esquema de conquista cósmica ainda por ser finalizado. Somente quando Cristo, ainda no futuro, concluir ou “finalizar” essa conquista, através da destruição³⁷ da morte,³⁸ será o próprio Deus “tudo em todos,” isto é, terá concluído o seu esquema apocalíptico redentor de sujeitar todos os seus inimigos cósmicos. Deus, absolutamente, não terá mais oposição à sua ordem.

6. TEOCENTRISMO OU CRISTOCENTRISMO

Qualquer que seja o sujeito dos verbos nos versículos 25b e 27a, a mudança para o teocentrismo no versículo 28 é clara. Em última análise, a ressurreição de Cristo e a dos crentes e a sujeição por Cristo de todo inimigo cósmico, inclusive a própria morte, tem a ver com o controle de *Deus* sobre todas as coisas. Até mesmo a ressurreição de Cristo não foi nenhuma proeza própria. Foi *Deus* quem o ressuscitou dentre os mortos.

Em retrospectiva, podemos separar o fundamento fortemente cristológico do alvo teológico igualmente forte. Entretanto, não convém insistir demais em tal distinção. A dificuldade em decidir quem é o sujeito dos verbos e as várias mudanças explícitas de sujeitos e pronomes em relação àqueles encontrados nos dois salmos que Paulo cita pode simplesmente demonstrar a sobreposição que já havia no pensamento de Paulo entre a pessoa de Deus e a de Cristo.³⁹

CONCLUSÃO

Em 1 Coríntios 15 Paulo se contrapõe ao fundamento do orgulho espiritual e do senso de superioridade dos crentes coríntios. O entendimento que tinham da ressurreição de Cristo como exaltação redundou em uma escatologia super-realizada, uma superestimação do seu estado espiritual e um desprezo daqueles que consideravam espiritualmente inferiores, uma perspectiva errada da autoridade apostólica conforme seus próprios padrões de entusiasmo espiritual e um comportamento moral relaxado. Além disso, eles já poderiam ter espiritualizado excessivamente a ressurreição de Cristo à luz das suas próprias experiências extáticas.

À luz disto, Paulo enfatiza de modo especial as conseqüências ainda futuras da ressurreição de Cristo. A ressurreição é uma categoria apocalíptica que tem a ver com a conquista final do pecado e da morte por meio do Messias e de Deus. A ressurreição de Cristo inaugura o reino do Messias, mas no contexto coríntio Paulo não quer enfatizar esse aspecto presente da escatologia. A ressurreição de Cristo não deve ser entendida como uma exaltação que exaure sua eficácia no presente. Persiste uma aplicação futura porque a morte permanece, no tempo presente, um inimigo certo da ordem de Deus. Todas as pessoas devem continuar a sofrer a morte, mas os crentes *serão* vitoriosos, porém somente em vista do fim ainda por se realizar.

Portanto, a exposição escatológica de Paulo em 1 Coríntios 15 resultou de uma preocupação pastoral, sendo por isso contextual. Poucos anos antes, em 1 Tessalonicenses 4-5, ele tratou do mesmo assunto. Mesmo assim, ele demonstra admirável flexibilidade de expressão nas duas passagens, e um enfoque específico em cada caso. Por exemplo, em 1 Coríntios ele não se sentiu obrigado a tocar na questão que abordou em 1 Tessalonicenses, da ordem cronológica da ressurreição dos crentes mortos em relação à dos crentes vivos no momento da volta de Cristo. Isso demonstra claramente o enfoque ocasional ou contextual de Paulo e a pouca preocupação com um tratamento rigidamente sistemático do assunto. Em tudo isso, destaca-se a importância

de compreender que a hermenêutica de Paulo é constantemente missiológica e freqüentemente escatológica, ao invés de sistemática e abstrata.

* O autor é missionário da Igreja Presbiteriana (E.U.A.). Sua formação deu-se nos Estados Unidos, tendo obtido o grau de Bacharel em Ciências da Religião na Universidade da Carolina do Norte, em Charlotte; de Mestrado em Teologia no Seminário Teológico Gordon-Conwell; e de Mestrado em Missiologia e Doutorado em Estudos Interculturais (Ph.D.) no Seminário Teológico Fuller. É missiólogo e trabalha com a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

¹ "A Apocalíptica Judaica e o Evangelho de Paulo," *Vox Scripturae: Revista Teológica Brasileira* 6:2 (1996); e "A Missiologia Apocalíptica da Carta aos Romanos: Com ênfase em 15.14-21 e 9-11," *Fides Reformata* 3:1 (1998). Para mais detalhes, ver também C. Timóteo Carriker, "Paul's Apocalyptic Mission: An Integrative Missiological Hermeneutic" (tese de Ph.D., Fuller Theological Seminary, School of World Mission, 1993).

² Wayne A. Meeks, "Social Functions of Apocalyptic Language in Pauline Christianity," in *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East: Proceedings of the International Colloquium on Apocalypticism, Upsala, 1979* (Tübingen: Mohr, 1982), 698s. Observar o uso de linguagem escatológica nas seguintes passagens: 1.7s; 2.6-10; 3.13, comparar vv. 10-15; 3.17; 4.5; 5.5; 6.2,3, 9, 13s; 7.26-31; 11.26,32; 15.24, 51s; 16.22 (lista não exaustiva). Ver os comentários de Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians*, The New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1987), 16s.

³ David M. Scholer, "'The God of Peace Will Shortly Crush Satan under Your Feet' (Romans 16:20a): The Function of Apocalyptic Eschatology in Paul," in *Ex Auditu: An Annual of the Frederick Neumann Symposium on Theological Interpretation of Scripture*, ed. Robert A. Guelich (1990).

⁴ A crítica da retórica emprega o termo *filofronese* quando o discurso procura estabelecer um relacionamento de amizade entre o autor e o destinatário.

⁵ O termo da crítica da retórica é *parânesis* (*parainesis*) e refere-se a um tipo de exortação que pretende influenciar a conduta moral ao invés de introduzir um novo ensinamento. Ver, por exemplo, Abraham J. Malherbe, *Paul and the Thessalonians* (Filadélfia: Fortress, 1987), 70.

⁶ Ver Martin Hengel, *The Pre-Christian Paul*, trad. J. S. Bowden (Filadélfia: Trinity International, 1991); e Peter R. Jones, "1 Corinthians 15:8: Paul the Last Apostle," *Tyndale Bulletin*, nº 36 (1985): 19-28. Todas as cinco ocorrências de *eschatoj* nas cartas mais amplamente reconhecidas como autenticamente paulinas se encontram em 1 Coríntios, sendo quatro no capítulo 15 (4.9; 15.8,26,45,52; ver também 2 Timóteo 3.1). Todas referem-se a eventos definitivos e finais.

⁷ Isto torna-se claro diante da sua própria justaposição do verso 8 com o verso 9, onde Paulo diz claramente que ele é o menor dos apóstolos. Entender *eschatoj* como "último" e *evla,cistoj* como "menor" seria redundante. O contexto também indica que Paulo não está estabelecendo um modelo para seguir, (como no caso de "menor"), mas está

ênfatizando a unicidade da sua posição como "por um nascido fora de tempo" (tw/evktrw,mati).

⁸ Ver a possível alusão no verso 10 (ouv kenh. evkopi,asa) a Isaías 49.4-6. Jones, *ibid.*, 22-24. Na passagem de Isaías, a missão do servo realiza-se em duas fases: primeiro a Israel, o que resulta em fracasso, e depois aos gentios, que eventualmente levará Israel de volta (49.22). Isto é consistente com a maneira como Paulo depende da escatologia isaianica de modo geral, inclusive para a auto-identidade da sua missão apocalíptica (ver, por exemplo, Romanos 9-11). Os Evangelhos Sinóticos também afirmam a missão gentílica como "última" (ver Mt 20.1-16; 24.14; Mc 7.27; Lc 13.22-30; ver Joachim Jeremias, *Jesus' Promise to the Nations*, trad. S. H. Hooke, 1ª ed. (Filadélfia: Fortress, 1982). Em Atos 13.46, Paulo fala da necessidade de falar a palavra de Deus *primeiro* aos judeus. Logo no próximo verso ele cita Isaías 49.6 (repare a concordância entre o Paulo lucano e o Paulo autobiográfico das epístolas) para afirmar a necessidade de falar a palavra de Deus "por último" entre os gentios (na Septuaginta, os "confins da terra" são literalmente o "último da terra," evsca,tou th/j gh/j, e formam um paralelismo poético com os gentios; ver Atos 1.8). Ver Jones, *ibid.*, 27. Uma outra alusão à sua auto-identificação como o apóstolo escatológico entre os gentios se encontra na descrição feita por Paulo do seu encontro com Cristo, utilizando a linguagem de "aborto" no verso 8.

Jones afirma: "Paulo assume o insulto, 'aborto' apostólico, e admite que não é digno de ser chamado de apóstolo (1 Co 15.9). Ele mesmo chama os gentios de 'não um povo' (Rm 9.25-26; 10.19) e 'ramo de oliveira brava' (Rm 11.17) enxertado de forma não-natural (para. fu,sin - Rm 11.24) em boa oliveira. Vemos aqui um paralelismo terminológico entre Paulo, apóstolo entre os gentios, e os próprios gentios. Se Paulo é um membro aparentemente ilegítimo do apostolado, através de quem Deus mostra a sua graça (1 Co 15.10-11), o mesmo pode ser dito em relação aos gentios, que, contra todas as expectativas normais, se tomam instrumentos para a salvação de Israel, o povo 'natural' de Deus." *Ibid.*, 24.

⁹ A legitimidade da sua missão é o objetivo do verso 10. Tanto esta legitimidade quanto o ministério de Paulo como sendo escatologicamente último, estão implícitos na sua freqüente referência ao "meu" ou "nosso" evangelho (2 Ts 2.14; 1 Ts 1.5; 1 Co 15.1; 2 Co 4.3; 11.7; Gl 1.11; 2.2, 7; Rm 2.16; 16.25; comparar com Ef 3.6; 2 Tm 2.8).

¹⁰ Rm 6.5-8; 2 Co 5.15; Gl 2.19s; Cl 3.1-4.

¹¹ Que os coríntios superestimaram o presente é evidente em toda a carta (2.6; 4.5, 8; 6.14; 7.26,29-31; 9.24s; 11.26; 13.8-10,12).

¹² J. H. Schütz, *Paul and the Anatomy of Apostolic Authority*, ed. Society for New Testament Studies, Monograph Series, vol. 26 (Cambridge, Inglaterra: Cambridge University, 1975), 85.

¹³ J. Christiaan Beker, *Paul the Apostle: The Triumph of God in Life and Thought* (Filadélfia: Fortress, 1980), 156-176; Fee, *ibid.*, 6ss; Ralph P. Martin, "The Setting of 2 Corinthians," *Tyndale Bulletin* 37 (1986): 172ss; Meeks, *ibid.*, 699; J. H. Wilson, "The Corinthians Who Say There Is No Resurrection of the Dead," *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der Aelteren Kirche* 59 (1968): 90-107. Entretanto, Richard Hays observa que a carta nunca diz que os coríntios tinham uma escatologia super-realizada. Para ele, o problema era que, na sua espiritualidade super-estimada, a idéia da ressurreição dos *corpos* era repugnante para os coríntios (*First Corinthians*, ed. James Luther Mays, Jr. Miller, Patrick D. e Paul J. Achtemeier,

Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching [Louisville: John Knox, 1997], 6-8).

¹⁴ Bultmann sugeriu que Paulo teria entendido errado que alguns dos coríntios negavam a ressurreição dos mortos. Mas J. Hurd observa corretamente que Paulo estava bem informado sobre suas opiniões e não poderia tê-los interpretado tão mal. (*The Origin of 1 Corinthians*, edição revisada do original de 1963 [Macon: Mercer University, 1983], 196s). A maioria dos intérpretes vê aqui não a negação da ressurreição de Jesus especificamente, mas dos mortos. Tal negação deve ter resultado de uma visão totalmente negativa do "corpo" e de seus instintos (B. Byrne, "Eschatologies of Resurrection and Destruction: The Ethical Significance of Paul's Dispute with the Corinthians," *Downside Review* 104 [1986]; Richard A. Horsley, "'How Can Some of You Say That There Is No Resurrection of the Dead?' Spiritual Elitism in Corinth," *Novum Testamentum* 20 [1978]: 223-226), de uma crença alternativa na imortalidade da alma (Elaine H. Pagels, "'The Mystery of the Resurrection': A Gnostic Reading of 1 Corinthians 15," *Journal of Biblical Literature* 93 [1974]: 277), de uma escatologia super-realizada (Ralph Martin, *New Testament Foundations: A Guide for Christian Students*, 2ª ed., vol. 2: The Acts, the Letters, the Apocalypse [Grand Rapids e Exeter: Eerdmans e Paternoster, 1986], 408s) ou de uma combinação de todas essas opções. Ronald J. Sider, em "St. Paul's Understanding of the Nature and Significance of the Resurrection in 1 Corinthians XV 1-19," *Novum Testamentum* 19 [1977], contesta a perspectiva comum de que os coríntios não tinham dúvidas a respeito da ressurreição do próprio Jesus e argumenta, baseado em 1 Coríntios 15.1-12, que os coríntios, embora cressem na ressurreição de Jesus, agora a estavam espiritualizando, de acordo com sua própria experiência de escatologia realizada.

¹⁵ Hendrikus W. Boers, "Apocalyptic Eschatology in I Corinthians 15: An Essay in Contemporary Interpretation," *Interpretation* 21 (1967): 60.

¹⁶ Contra Karl Barth, *The Resurrection of the Dead* (Nova York: Fleming H. Revell, 1933), 150, ver W. Dykstra, "1 Corinthians 15:20-28, an Essential Part of Paul's Argument against Those Who Deny the Resurrection," *Calvin Theological Journal* 4 (1969) e G. Barth, "Erwägungen Zu 1. Korinther 15,20-28," *Evangelische Theologie* 30 (1970): 515-527.

¹⁷ O uso de *ta,ssw* e seus derivados no capítulo 14.26-40, especialmente nos vv. 32-34 e 40, pode indicar uma maior conexão conceitual entre esses dois capítulos. Embora o capítulo 14 fale da ordem litúrgica, enquanto o capítulo 15 da ordem temporal, em ambos os casos Paulo está defendendo o uso da autoridade apostólica, e em ambos ele o faz em referência a uma dimensão cósmica de ordem ligada à própria natureza de Deus.

¹⁸ A frase grega, *e[kastoj de. evn tw/| ivdi,w] ta,gmati*, corresponde à frase hebraica, *אִישׁ בְּתַכְנוּ* nos rolos de Qumrā (1QS 6.8), onde a comunidade se divide em hierarquias ou "ordens" (ver 1QS 6.9-10, 22; 7.21; 8.19; 9.2, 7). A expressão também é encontrada em 1 Clemente 37.3 no sentido de "hierarquia" militar e semelhantemente em 1 Clemente 41.1, onde cada membro da comunidade deve realizar seu ministério em sua própria posição.

¹⁹ Ver M. E. Dahl, *The Resurrection of the Body: A Study of 1 Corinthians 15* (Londres: SCM, 1962), 106; George Eldon Ladd, *The Presence of the Future: The Eschatology of Biblical Realism* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), 326; Albert Schweitzer, *The Mysticism of Paul the Apostle*, trad. W. Montgomery (Nova York: Macmillan, 1931),

98, 112. O termo *avparch*, transmite a idéia do hebraico de "colheita" e é utilizado escatologicamente em Gn 8.22; 45.6; Êx 12.2, 23; Dt 19.9-12; Lv 23.42s. A idéia básica em 1 Coríntios é que Deus está "semeando" para uma nova "colheita," um novo modo de existência do qual Cristo é "as primícias," ou seja, o primeiro numa série que virá (ver Rm 8.29; Cl 1.18). Com este termo, Paulo estabelece uma ligação inseparável entre a ressurreição de Cristo e a do cristão, e assim fortalece seu argumento nos versículos 13 e 16, que devem ser entendidos *juntamente com* a ligação prévia inseparável entre Adão e toda a humanidade. Evidentemente, os coríntios tinham entendido apenas a ligação anterior, que como Cristo havia ressuscitado também os cristãos o haviam sido. O argumento de Paulo é que "como Cristo, também os que são dele...", enquanto mantinha que "como Adão, também todos os que são dele...", isto é, toda a humanidade." Portanto, a ressurreição de cristãos é apenas *dos mortos*. Compare o uso do termo em 16.15; 2 Ts 2.13; Rm 8.23; 11.16; 16.5. Lambrecht observa corretamente que a relação causal é enfatizada nos vv. 21-22 com a idéia de seqüência temporal (primeiro de uma série) ressaltada nos vv. 23-28. "Paul's Christological Use of Scripture in 1 Corinthians 15:20-28," *New Testament Studies: An International Journal* 28 (1982): 505.

²⁰ Ver o excuro adiante.

²¹ Fee, *First Epistle to the Corinthians*, 753.

²² Ver Larry Joseph Kreitzer, *Jesus and God in Paul's Eschatology*, Journal for the Study of the New Testament. Supplement Series, vol. 19 (Sheffield: Sheffield Academic, 1987); Schweitzer, *The Mysticism of Paul the Apostle*; W. B. Wallis, "The Use of Psalm 8 and 110 in I Corinthians 15:25-27 and in Hebrews 1 and 2," *Journal of the Evangelical Theological Society* 15 (1972); W. B. Wallis, "The Problem of an Intermediate Kingdom in 1 Corinthians 15:20-28," *Journal of the Evangelical Theological Society* 18 (1975). Por sua vez, H.-A. Wilcke, *Das Problem Eines Messianischen Zwischenreichs bei Paulus. Abhandlungen zur Theologie des Alten und Neuen Testaments, Band 51* (Zürich e Stuttgart: Zwingli Verlag, 1967), escreveu uma longa resposta.

²³ Karl P. Donfried, "The Kingdom of God in Paul," em *The Kingdom of God in 20th-Century Interpretation*, ed. W. Willis (Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 1987), 175-177, 188s; e Ben Witherington, *Jesus, Paul and the End of the World: A Comparative Study in New Testament Eschatology* (Downers Grove, Illinois: InterVarsity, 1992), 52ss.

²⁴ Compare o uso em 1 Pedro 3.8; 2 Macabeus 5.5; 13.16; 3 Macabeus 4.14; Baruque 3.17; Sabedoria 14.4.

²⁵ Ver o uso em Aristóteles, *De generatione animalium* 1.18, p. 725b,8; Ariano, *Tact.* 10.5; 18.4; e Isaías 19.15.

²⁶ Ver 2 Macabeus 7.9, 23; Salmos de Salomão 14.3-7; 4 Esdras 7.32; 2 Baruque 50s; 1 Enoque 51.

²⁷ Se estamos corretos na avaliação do conflito entre Paulo e os coríntios que se consideravam *te,leioi*, então o sentido de *to. te,loj* como "objetivo" ou "finalidade" ganha um peso considerável. Àqueles que criam que já haviam alcançado *to. te,loj*, Paulo responde que isto só aconteceria como conseqüência da ressurreição dos mortos.

²⁸ De qualquer forma, o sentido de *to. te,loj* não é alterado. As cláusulas temporais

(o[*tan*]) apontam para a frente, para to. *te,loj*. Onde o processo começa em retrospectiva não pode ser determinado pela sintaxe da passagem, já que *ei=ta* se refere à seqüência. Romanos 8.38-39 e Colossenses 2.15, ambos escritos depois de 1 Coríntios, parecem iniciar esse período a partir da morte e ressurreição de Cristo. Se Paulo já tivesse essa idéia em 1 Coríntios, provavelmente não a expusesse diante da escatologia super-realizada dos coríntios.

²⁹ *Katarge,w* se traduz "fazer ineficaz e sem poder, neutralizar," ao invés de "destruir, abolir, aniquilar." Ver a ênfase futura dos verbos nos versículos 26-28 e as características futuristas de *parousi,a* e *a;cri*.

³⁰ O subjuntivo aoristo do verbo na segunda cláusula e o subjuntivo presente na primeira cláusula indicam que a ação da segunda cláusula precede a ação da primeira. Por esta razão, o segundo *o[*tan*]* é melhor traduzido como "depois" (ver a Nova Versão Internacional).

³¹ O tempo presente e a voz passiva do verbo, "sendo feito inoperante," referem-se àquilo que ocorre no versículo 24. A falta de qualquer conjunção parece destacar a cláusula como uma tese formalmente isolada entre as duas adaptações das Escrituras (Hans Conzelmann, *A Commentary on the First Epistle to the Corinthians*, trad. James W. Leitch [Filadélfia: Fortress, 1969]).

³² Isto se entende como a ajuda do Salmo 8.7 (LXX), que diz *u`pe,taxaj*. A substituição posterior parece ser peculiarmente paulina diante da observação de que Mateus 22.44 e Marcos 12.36 substituem *u`popo,dion* por *u`poka,tw*, um verbo que não se encontra nas cartas de Paulo (Christopher D. Stanley, *Paul and the Language of Scripture: Citation Technique in the Pauline Epistles and Contemporary Literature*, ed. G. N. Stanton, Society for New Testament Studies. Monograph Series, vol. 69 [Cambridge, Inglaterra: Cambridge University, 1992], 207). O Salmo 110 é a passagem veterotestamentária mais citada (cinco vezes) ou aludida (19 vezes) no Novo Testamento (David E. Aune, "Christian Prophecy and the Messianic Status of Jesus," in *The Messiah: Developments in Earliest Judaism and Christianity. The First Princeton Symposium on Judaism and Christian Origins*, ed. James H. Charlesworth [Minneapolis: Augsburg/Fortress, 1992], 404).

³³ A divergência deliberada da Septuaginta para servir a seus próprios propósitos hermenêuticos não é rara no uso que Paulo faz do Antigo Testamento (E. Earle Ellis, *Prophecy and Hermeneutic in Early Christianity* [Grand Rapids: Eerdmans, 1978], 147s). Seu método possivelmente ilustre uma tendência da *midrax* *peshet* rabínica ou de Qumrã para a *testimonia* (onde a interpretação é simplesmente afirmada ao invés de ser exegeticamente estabelecida), isto porque é pressuposta a interpretação *midráxica* do Salmo 110 como se referindo a Cristo em 1 Coríntios 15 e sua caracterização como "testemunho" se estabelece mais ainda pela alusão ao Salmo 8, enquanto Paulo continua a expor o significado de *pa,ntej* (*Ibid.*, 161s, 192-194, 204s). O método de *testimonia* é mais apropriado para cristãos não-judeus, como no caso dos coríntios. Ver os comentários de Alan Segal sobre a exegese cristã das Escrituras Hebraicas (*Rebecca's Children: Judaism and Christianity in the Roman World* [Cambridge, Massachusetts, e Londres: Harvard University, 1986], 88-95). Portanto, aqui não encontramos nem esperamos de Paulo qualquer explicação das numerosas modificações que ele faz no seu emprego dos Salmos 110 e 8 (ver a próxima nota).

³⁴ Outras diferenças entre o versículo 25 e o Salmo 109 (LXX) incluem: (1) a

interpretação do reino de Cristo de “assenta-se à direita de Deus”; (2) o acréscimo de *pa,ntej* devido à influência do versículo 27a e do Salmo 8.7; (3) a substituição da frase *e[wj a`n* pela frase *a;cri ou-*; e 4) a substituição da expressão *u`popo,dion tw/n podw/n sou* pela expressão *u`po. tou.j po,daj auvtou/*.

³⁵ Ver também a ausência do modo refletivo, que embora não conclusivo, pode indicar que o sujeito é Deus.

³⁶ A liberdade que Paulo sente ao adaptar a fraseologia das suas citações para seus próprios fins aparece mais aqui do que em qualquer outro lugar, onde ele modifica o tempo do verbo (do aoristo *u`pe,taxen* para o perfeito *u`pote,taktai*) à plena vista dos seus leitores. O mesmo procedimento aparece em 1QpHab 12.6-7 (Stanley, *Paul and the Language of Scripture*, 206). A mudança da referência a *auvtou/* é mais comum no emprego neotestamentário do Salmo 8 (ver Efésios 1.20-22 e Hebreus 2.6-9).

³⁷ Fee observa o tempo presente e a voz passiva e traduz “está sendo destruído.” *The First Epistle to the Corinthians*, 756. A voz passiva explica ainda melhor o versículo 24, onde Cristo está destruindo todo principado, autoridade e poder.

³⁸ Novamente lembra-se ao leitor que a preocupação de Paulo em todo este capítulo é com a ressurreição dentre os mortos. Seguindo a tradição apocalíptica, Paulo vê a morte como um invasor hostil da criação de Deus, por causa do pecado (4 Esdras 7.118; ver 3.7-21; 2 Baruque 17.3; 23.4; 48.42; 54.15, 19).

³⁹ Larry Kreitzer ilustrou bem esse ponto recentemente, através de numerosos paralelos já existentes nos escritos pseudepígrafos judaicos (4 Esdras, 2 Baruque e 3 Enoque) da identificação conceitual dos papéis de Deus e do Messias. *Jesus and God in Paul's Eschatology*, 151-160.